

25-04-2023

Economistas: são ou não são?

Fabrizio Fävasch Rodriguez

[Ativista Social e Sindical. Observatório
do trabalho latino-americano]

Vivemos cercados de assassinos. Aqui na Colômbia tive certeza disso com a disputa por estatísticas de assassinatos entre as FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) e o Estado colombiano, durante décadas.

O leilão para-cívico de mortes naturalizou o assassinato de parte a parte.

Como colombiano-brasileiro e andante por nossa América Latina, meio a esmo, meio por ofício, estou absolutamente convicto: vivemos cercados por assassinos. Até sei, sabemos, que isso não é um privilégio satânico da América Latina.

Mas, como fomos sempre explorados até a última gota de sangue, desde o início e até esse fim que nunca chega, a coisa por aqui é bem pior em termos de MATAR. Qual a diferença entre matar por ofício e matar fora do ofício?

Assassinos são perdoados por serem do ofício ... Matar pessoas, homens, mulheres, crianças, velhos, trabalhadores faz parte de muitas profissões: soldados e generais das Forças Armadas; policiais de várias estirpes; seguranças armados contra pessoas e povos indefesos... A função os bendiz e perdoo.

E a Justiça mata igualmente ao perdoá-los. Assim como os advogados que, ao defendê-los, mentem, falsificam documentos e depoimentos, cumpliciam-se, aconselham para burlar a lei e dizem dane-se à vida dos outros, tornam-se igualmente assassinos. Isso sem falar nos empresários que contratam assassinos para colocar a ganância acima da vida. Matar, se preciso for, perder o lucro nunca. As justificativas são risíveis e ridículas: defesa da pátria, garantia da lei e da ordem, segurança patrimonial, garantia de posse (mesmo que a posse seja roubada), reação contra o comunismo, reação contra os que reagem contra a desigualdade, contra o arbítrio, contra a violência do Estado, contra a concentração de renda. É triste viver entre assassinos, no Brasil, na Colômbia, na América Latina. Mas isso ainda não é o pior. Esses são os assassinos “legalizados”. Existem os assassinos “fora da lei”, embora, na maioria das vezes, a mando dos de “dentro da lei”. Pistoleiros de aluguel abundam. Mesmo ilegal, é hoje uma profissão rentável. Esses, assim como os assassinos fortuitos, casuais, matam indivíduos (pessoas individualmente). Não são assassinos em massa.

Não merecem perdão, mas merecem a comparação com os que matam no atacado e não no varejo. Os assassinatos no varejo são os visibilizados pela mídia. São acusáveis de assassinato, como deve ser, e têm a reprovação social imediata, pelo repúdio, raiva, indignação, nojo, tristeza que, infelizmente, logo dão lugar ao próximo assassino varejista. Mas, tanto os assassinatos do varejo dos pistoleiros de aluguel, os assassinatos em massa são comuns na história humana.

E na história humana recente, além de não cessarem, são naturalizados por conjunturas políticas diversas e narrativas que os justificam. Do holocausto nazista às bombas de Hiroshima/Nagasaki, nesses últimos 80 anos, os assassinatos em massa proliferaram e proliferam porque os assassinos estão à solta. Estão à solta, como, por exemplo, na recente pandemia e na invasão da Ucrânia, esta ainda em vigor. Esses assassinos nos regem, nos direcionam, nos comandam, nos fazem de otários, seja no Brasil, na Colômbia ou na Rússia.

Assassinos em massa acabam sendo naturalizados por uma consciência social estranha. Não há palavra p’ra definir isso. Temo nunca desvendarmos os mistérios das mentes que calam e aprovam assassinos em massa.

Para ser um assassino em massa tem que ser sutil. Para não ser reconhecido como tal deve candidatar-se a algum cargo político. Até vereador serve.

Mas pode ser, também, um empresário bem-sucedido que possa roubar de alguma forma - sonegando, burlando, enganando, corrompendo, explorando -.

Empresário honesto é empresário morto. Empresário assassino bem-sucedido é o que se liga a um fio invisível com outros empresários assassinos para provocar um morticínio generalizado no mundo do trabalho. Matar trabalhadores é a maior fonte de lucro desde a Revolução Industrial. Não importa o setor produtivo. Mata-se agudamente ou mata-se lentamente. O varejo do dia a dia se transforma num atacado ao somarmos um dia após o outro de MATAR.

Matar é a palavra de ordem. Sem matança o lucro não será o esperado e os acionistas vão reclamar. Talvez o Banco Central aumente os juros.

Ou o mercado reclame e exclame: investir em saúde e segurança no trabalho é caro e não dá lucro. Por isso, os economistas que só pensam, bajulam e lambem o mercado são também assassinos. Economistas que pensam e tentam resolver a miséria humana estão fora de moda na modernidade. A economia assassina de mercado não tolera esses “imbecis” que defendem o controle do lucro, a taxa progressiva da riqueza e da herança, a expropriação das terras improdutivas e dos latifúndios predadores, a redistribuição radical da riqueza e o fim da profunda desigualdade social e econômica. Médicos, engenheiros, advogados, e assim por diante, pedreiros, porteiros, motoristas, farmacêuticos às vezes matam, mas matam no varejo. Já os economistas que defendem o liberalismo, o desenvolvimento econômico a qualquer custo e a financeirização da economia sempre matam. Economistas assassinos não são reconhecidos facilmente.

Escondem-se por trás dos mandantes que os pagam para os crimes por atacado. Não só os que se apossam dos governos baseados fundamentalmente nas diretrizes listadas pelo economês liberal, neoliberal, ultraneoliberal, mas os que lucram com esses governos. Matar tem um idioma próprio, espécie de linguagem cifrada de gangues, ora com o dedo pra cima - subir o dólar, subir os juros, subir o teto de gastos, subir o PIB, subir a dívida - ora com o dedo pra baixo: baixar o dólar, baixar os juros, baixar o teto de gastos, baixar o PIB, baixar a dívida. Dedo pra baixo ou pra cima, não importa, o resultado é o mesmo: MORTE. Lenta ou aguda: morte pela fome, pelo abandono das crianças e das pessoas vivendo nas ruas, pelo aumento do desemprego, da violência e da miséria, pela precarização do trabalho... morte pelas reformas que prometem mundos e fundos e só oferecem ao povo fundos de um poço que não tem fundo. E, assim, economistas cada vez mais dominam e dirigem com suas teorias e seu economês cifrado os que exercem o poder político. Economistas falam o idioma vetado ao povo, coisa como crescer o bolo pra distribuir a riqueza, gatilhos econômicos para impedir o aumento dos salários, controle da dívida. Que controle, que dívida? A resposta é clara: o controle da dívida com o povo faminto e miserável. O Deus dos economistas liberais é uma aberração (des)humana chamada Mercado: o mercado está aflito, o mercado está tenso, o mercado está apreensivo, o mercado está nervoso e o povo lascado. Economistas de correntes distintas debatendo é quase um debate entre especialistas em horóscopos. Pistoleiros de aluguel do mercado que não têm a foto dos que vão matar ficam calmos, calmos... acham que se baseiam numa ciência ... a ciência de matar em massa.

Economistas que não olham para o lado e não ouvem a frase simples de que aqui tem gente são ou não são assassinos? Ouvem por favor, por favor, por favor e não reconhecem o idioma da miséria humana. Esses caras são ou não são?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.